

Estratégias de relativização de PPs no mundo luso-atlântico: crioulos de base lexical portuguesa e variedades do português

Nélia Alexandre¹ & Tjerk Hagemeijer²
(FLUL/CLUL)

1. Introdução

Neste artigo, propomo-nos comparar os mecanismos de formação de frases relativas restritivas que envolvem extracção de sintagmas preposicionais (PPs) nos crioulos de base lexical portuguesa em África e nas variedades do português, analisando os pontos de convergência e de divergência entre estes. As estratégias relativas têm sido amplamente analisadas na literatura sobre as variedades de português L1, a saber, o português europeu (PE) e o português brasileiro (PB) (*e.g.*, Tarallo 1985; Brito 1991; Kato 1993; Peres & Mória 1995; Kato *et al.* 1996; Alexandre 2000, Kenedy 2007) e de forma mais incipiente para o português L1 ou L2 nos diferentes países de língua oficial portuguesa em África (para o português de Moçambique (PM), Chimbutane 1996; Gonçalves 1996; Gonçalves & Stroud 1998; Brito 2001, 2002; para o português de Angola (PA), Chavagne 2005; para o português de Cabo Verde (PCV) e São Tomé e Príncipe (PST), Alexandre, Gonçalves & Hagemeijer 2011). As estratégias de relativização em crioulos luso-atlânticos, da Alta Guiné e do Golfo da Guiné, por outro lado, foram discutidas no âmbito de alguns trabalhos mais gerais sobre estratégias de extração de PPs nestas línguas (Alexandre & Hagemeijer 2002; Alexandre 2012).

Na secção 2, apresentamos as diferentes estratégias de relativização que operam sobre constituintes preposicionados, a canónica e as não canónicas, encontradas no PE e no PB. A secção 3 incide sobre as estratégias disponíveis nos crioulos atlânticos de base lexical portuguesa e nas variedades do português em África. Na secção 4 mostraremos que as estratégias usadas nas diferentes línguas e variedades de português são o produto

¹ Financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, através da bolsa de pós-doutoramento SFRH/BPD/67241/2009.

² Financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, através do projeto “As origens e o desenvolvimento de sociedades crioulas no Golfo da Guiné: Um estudo interdisciplinar” (PTDC/CLE-LIN/111494/2009).

de operações sintáticas distintas – *Merge* e *Move* – e não necessariamente fruto de contacto de línguas em alguns dos países. Na secção 5 apresentamos as conclusões.

2. As estratégias de extracção de PPs em relativas: PE e PB

Na sincronia actual, a extracção de constituintes preposicionados em orações relativas pode ser feita através de vários processos, uns canónicos outros não. Tanto em PE como em PB, pelo menos na língua falada, há uma aparente distribuição livre entre relativas com extracção e arrastamento de PP (*pied-piping*) (1), relativas cortadoras (2) e relativas resumptivas (3)³ (cf. Tarallo 1985, para o PB; Peres & Móia 1995 e Alexandre 2000, para o PE, e.o.).

(1) a. Encontrei a pessoa **de quem** falaste na reunião.

(2) a. Custou-me ouvir da boca do Octávio um insulto \emptyset que eu não contava.

(Alexandre 2000: 206)

b. A moça \emptyset que eu conversei ontem.

(Ribeiro & Figueiredo 2009: 220)

(3) a. O istmo da (Porta do Cerco), não é, tem um canal que chamam-**lhe** o canal dos (patos).

(Alexandre 2000: 161)

b. Tem uns lá que eu não saio da casa **deles**.

(Tarallo 1985: 358)

Em PB, Tarallo (1985) e Kato & Nunes (2009) referem estas mesmas três estratégias como possíveis, assinalando igualmente que aquela que envolve arrastamento da preposição para a posição inicial de frase representa a estratégia canónica, enquanto as

³ Preferimos a designação ‘relativas resumptivas’ a ‘relativas com pronome lembrete’, porque a estratégia não está restrita à ocorrência de apenas pronomes a retomarem o antecedente da relativa. Como Alexandre (2000) mostra, há a possibilidade de o antecedente da relativa também poder ser recuperado por DPs (i) e AdvPs (ii):

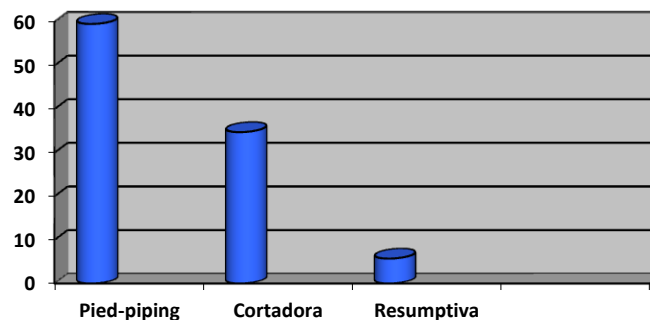
(i) ... duns conflitos com o patrão, com *o filho do patrão*_i, [_{CP} que ele partiu a mão ao *filho do patrão*_i]

(ii) ... senhor doutor, que é *uma das melhores pensões até que há em (Lisboa)*_i, [_{CP} que até os alentejanos vão *lá*_i todos] ...

duas últimas (que implicam corte da preposição do constituinte relativizado – cortadora – e redobro do antecedente⁴ – resumpção) constituem alternativas não canônicas à primeira.

A ocorrência destas estratégias no PE pode ser ilustrada pelos dados do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo (CRPC-Oral), do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa⁵, analisados por Alexandre (2000), no gráfico 1 abaixo.

Gráfico 1. *Relativas de PP no corpus do CRPC-Oral (% para 648 contextos)*



Relativamente a estas estratégias não canônicas, Tarallo (1985:362) considera que, no PB, a estratégia cortadora é muito recente, tendo surgido na segunda metade do século XIX, enquanto a estratégia resumptiva já se encontra em textos mais antigos. Outros estudos, porém, têm mostrado que esta estratégia cortadora já existia no português médio. Duarte (2012), por exemplo, apresenta dados como os de (4).

- (4) a. o dia **Ø** que eu tal pesar vi (CA. 10224); de aquel tempo **Ø** que vos vi e oí falar (CD. 880) (...) ⁶

(Huber 1933: 195)

⁴ Estamos a pensar, especificamente, no tipo de resumpção em que a oração é introduzida pelo complementador *que* e o antecedente é redobrado por um pronome que concorda em género e número com o antecedente da oração relativa. Não consideramos, portanto, os casos de pseudo-resumptivas, como Fontes (2008) e Valente (2008) nomearam os casos dos exemplos abaixo, em que há uma ocorrência simultânea de arrastamento de preposição (*pied-piping*) e resumpção:

(i) Está ali o rapaz **a quem** a professora **lhe** deu os parabéns. (Fontes 2008: 40)

(ii) O meu avô ofereceu-me um mealheiro **cujo** orifício **dele** é pequeno para as moedas de 2€. (Valente 2008: 61)

⁵ *Corpus* acessível online em:

<http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/183-reference-corpus-of-contemporary-portuguese-crpc>.

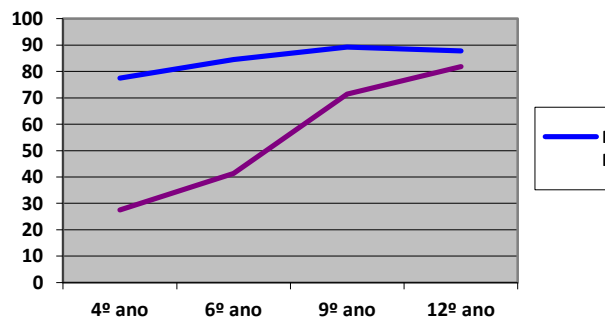
⁶ CA: Cancioneiro da Ajuda; CD: Cancioneiro d'el Rei D. Denis.

b. e avia tall força que em todo homem Ø que posesse a lamça nom lhe valia armadura que se lhe nom quebrasse ...

(IV Livro de Linhagens. Século XIII)

Adicionalmente, realçamos que, no PE contemporâneo, o maior uso destas estratégias não canónicas – cortadora e resumptiva – parece estar associado à variável ‘escolarização’. Ou seja, estudos que se debruçam sobre a produção escrita de orações relativas por alunos portugueses do 4º, 6º, 9º e 12º ano de escolaridade⁷ mostram que estes vão produzindo uma maior percentagem de relativas canónicas à medida que vão avançando nos estudos, estabilizando a partir do 9º ano. É de salientar o facto de haver uma maior evolução positiva na produção canónica de relativas de PP, o que reforça o efeito do ensino explícito da estratégia de *pied-piping*, como se observa no gráfico 2, em que as relativas canónicas de PP passam de 27,5% no 4º ano para 81,9% no 12º ano⁸. É por esta razão que Duarte (2011) afirma que se trata de estruturas de aquisição tardia.

Gráfico 2. *Produção escrita de relativas canónicas em PE do 4º ao 12º ano de escolaridade (%)*



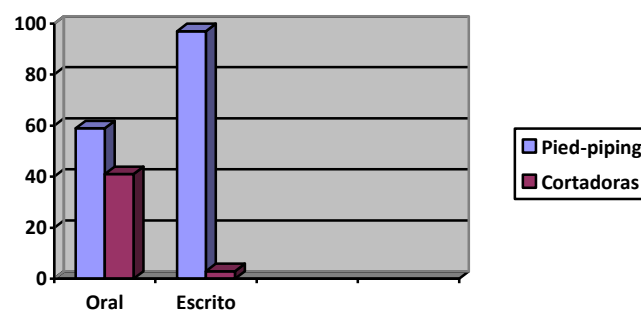
Fonte: Duarte (2011: 27, a partir de Fontes 2008 e Valente 2008)

⁷ Cada um destes anos corresponde ao fim de um ciclo de estudos em Portugal, país em que a escolaridade obrigatória termina no 9º ano (aos 15 anos).

⁸ Autores como Peres & Mória (1995) e Alexandre (2000) já tinham referido esta possibilidade, afirmando que “na linguagem oral dos nossos dias, mesmos nos estratos mais escolarizados, elas [as relativas resumptivas] atingem um grau de frequência muito elevado” (Peres & Mória 1995: 276).

De igual modo, a ocorrência destas estratégias parece estar relacionada com a diferença entre discurso oral e escrito, sendo mais frequentes (e aceites) no discurso oral⁹. Arim *et al.* (2005) mostram precisamente isto para as relativas cortadoras do PE, baseando-se no *corpus* REDIP (oral – amostras de discurso oral radiofónico e televisivo – e escrito – textos de imprensa recolhidos em 1998)¹⁰, como o gráfico 3 elucida.

Gráfico 3. *Relativas preposicionadas no corpus REDIP (% para discurso oral vs. escrito)*



Os estudos de aquisição de relativas de PPs, especificamente de Perroni (2001) e Grolla (2004), para o PB, vêm também reforçar a ideia de que, nos estádios iniciais de aquisição da língua¹¹, as crianças brasileiras recorrem a estratégias alternativas à canónica, como a cortadora¹² e a resumptiva, como em (5) e (6).

⁹ Alexandre (2000: 15) nota ainda que “há falantes que, no discurso escrito e porque têm algum tempo para o planear, mostram alguma hesitação entre o emprego de uma ou de outra estratégia, acabando por produzir construções em que os dois processos de relativização são visíveis (cf. [i])”. Ou seja, os falantes recorrem a estratégias de pseudo-resumção, como referido na nota 2 acima.

(i) João de Barros e Nunes de Leão, **os quais** podemos considerá-los importantes para a linguística...

¹⁰ *Corpus* acessível online em <http://www.iltec.pt/?action=concord>.

¹¹ Grolla (2004: 10) revela que a criança observada, no estágio dos 2;11 aos 3;4, “usa pronomes resumptivos somente como objetos de preposições”.

¹² Grolla (2004) afirma que esta estratégia envolve ‘resumptivos nulos’ que correspondem a um pronome ‘especial’ (pro_{especial}). Segundo a autora, este pronome não alterna com um pronome resumptivo ‘aberto’ e consiste numa “lacuna que corresponde a todo o sintagma preposicional na posição de complemento verbal” (*id.*, p. 4), como em (i).

(i) A menina_i que eu falei ___i ontem.

- (5) Eu dótu (=gosto) de astronauta, mas **aquele que anda assim**, eu não dótu ____, ele é feio. (3;6)¹³
- (6) Você queria **a borsinha** que eu tava junto com **ela**? (3;11)

(Grolla 2004: 10)

Finalmente, para alguns autores, as estratégias não canónicas de relativização operam para salvar as derivações (*i.e.*, como um mecanismo de último recurso). Por exemplo, Tarallo (1985: 363) afirma que “(...) o uso de pronomes resumptivos é condicionado pelos chamados factores de processamento sintáctico, *i.e.*, o seu emprego é considerado um último recurso para a ligação entre o NP antecedente e uma posição no interior de uma ilha”. Contudo, pelo menos para o PE, Alexandre (2000) mostra que a resumpção não opera apenas em contextos de ilhas sintácticas (7) e também que não está restrita a contextos preposicionados (cf. (7) e Quadro 1).

- (7) a. eu até conheci um padre que dizia **ele** assim: “as riquezas do (Barroso)”...
- b. Sou antiga, então, há certas coisas que não **as** compreendo e **as** acho bem.
- (Alexandre 2000: 158-159)

Quadro 1. *Estratégias resumptiva e cortadora por função sintáctica no corpus do CRPC-Oral (em 18.500 relativas restritivas)*

		Resumptiva	Cortadora
		Nº absoluto de ocorrências	
Sujeito		16	--
Objecto directo		15	--
Objecto indirecto		7	17
Oblíquo		27	204
Genitivo		3	3
Complemento nominal		0	1
TOTAL (CRPC – 18.500 relativas restritivas)	absoluto	68	225
	percentual	0,36%	1,21%

Fonte: com base em Alexandre (2000)

¹³ O exemplo é de uma cortadora num DP topicalizado.

As percentagens neste quadro foram calculadas sobre o número total de relativas restritivas, não havendo números para o total de relativas por função sintáctica.¹⁴ No Gráfico 1 acima e no Quadro 2, na secção 3.2, verifica-se, no entanto, que nas relativas de PP a percentagem de cortadoras é muito elevada face à estratégia canónica (*pied-piping*).

Observamos ainda que as orações relativas restritivas cortadoras e resumptivas são sempre introduzidas pelo complementador *que* e não por um pronome relativo, mesmo quando o antecedente tem traços [+humano] ou [+locativo], como em (8)-(9).

- (8) ...tive pouca sorte porque um dos moços Ø **que** eu escrevi, a carta não lhe chegou à mão.

(Alexandre 2000: 173)

- (9) ... enfim, o lugar **que** a rapariga muitas vezes vai para **lá**, ...

(Alexandre 2000: 164)

Assim, o que parece motivar a ocorrência das estratégias resumptiva e cortadora é, entre outros factores, uma mudança no sistema dos pronomes relativos do português. Ou seja, os pronomes relativos podem estar a perder determinadas informações e a serem gradualmente substituídos por um elemento neutro que desempenha o papel de subordinador frásico.

3. África

Nesta seção analisaremos o comportamento de relativas de PP nos crioulos de base lexical portuguesa em África, designadamente os crioulos da Alta Guiné e do Golfo da Guiné, e nas variedades (emergentes) de português em África.

3.1. Crioulos de base lexical portuguesa

¹⁴ Naturalmente, o universo de relativas de sujeito e de objecto directo representa uma fatia muito substancial do total.

Os crioulos luso-atlânticos dividem-se em duas unidades genéticas independentes, os crioulos da Alta Guiné (CAG) e os crioulos do Golfo da Guiné (CGG) (Hagemeijer 2011), cuja formação remonta aos séculos XV e XVI, fruto do contacto entre o português e diferentes línguas africanas de diversas famílias do Níger-Congo. Os CAG incluem o kabuverdianu (CCV), o kriyol (CGB) e o crioulo de Casamansa¹⁵; os CGG abrangem o santome (ST), o angolar (ANG), o principense (PR) e o fa d'Ambô (FA). É importante frisar que estas duas unidades genéticas, apesar de partilharem a mesma base lexical, apresentam, entre si e em relação ao português, um grande número de diferenças tipológicas, algumas das quais são brevemente discutidas em Hagemeijer & Alexandre (2012) para o domínio da sintaxe.

Num primeiro trabalho comparativo sobre o comportamento de PPs em estruturas relativas, interrogativas e comparativas nas referidas línguas, Alexandre & Hagemeijer (2002) concluíram que estas apresentam um comportamento bastante homogéneo que se caracteriza sobretudo pelo abandono de uma preposição com um vestígio foneticamente realizado que corresponde à terceira pessoa do singular nestas línguas.¹⁶ Mais recentemente, no seu estudo sobre o CCV, Alexandre (2012) introduziu o termo “cópia defectiva” para se referir a esta estratégia, que é ilustrada nos seguintes exemplos de produção espontânea retirados de um *corpus* do ST.

- (10) *N patxi tudu djêlu ku n sa ku ê.* (ST)
 1SG dividir todo dinheiro que 1SG estar com 3SG
 ‘Dividi todo o dinheiro que tenho.’

- (11) *Mina nho ku ê mêsê p'ê kaza ku ê.* (ST)
 moça faltar que 3SG querer para-3SG casar com 3SG
 ‘Não há nenhuma moça com quem ele queira casar.’

- (12) *Kabla sêbê xitu ku kabla ka kume n'ê.* (ST)

¹⁵ Tem-se levantado a hipótese de o Papiamentu, falado em Aruba, Bonaire e Curaçau, também pertencer à família dos CAG (e.g. Jacobs 2009).

¹⁶ Esta estratégia em línguas crioulas é brevemente discutida em Veenstra & den Besten (1994), que mostram que as línguas crioulas em geral adoptam soluções variadas no domínio de anteposição.

cabra saber lugar que cabra IPFV comer em-3SG

‘As cabras conhecem o lugar onde as cabras comem.’

Verifica-se que, independentemente do antecedente ser [\pm humano], a preposição é sempre abandonada com um elemento invariável que corresponde à terceira pessoa do singular. Trata-se da estratégia canónica e exclusiva de relativização de PPs nesta língua.¹⁷ Repare-se que, na ausência de concordância de género nestes crioulos, *inclusive* no paradigma pronominal, é virtualmente impossível distinguir a estratégia resumptiva descrita na secção 2 da cópia defectiva quando o antecedente está no singular.

Quando estas estruturas relativas do ST apresentam um antecedente pluralizado, como em (11-12), o elemento invariável *ê* (3SG) mantém-se, sendo agramatical a utilização, no pé da cadeia, do pronome da terceira pessoa do plural *inen*.

(13) *Inen kwa se ku a ka da ngê sôtxi ku {ê/*inen}*.

PL coisa DEM que IMP IPFV dar pessoa sova com 3SG/3PL

‘As tais coisas com que costumam dar uma sova às pessoas.’

(14) *San tê inen mina nala san ku ome ka pô fla ku {ê/*inen}*.

Ela ter PL filha lá POS que homem IPFV poder falar com 3SG/3PL

‘Ela tem lá as suas filhas com que os homens podem falar.’

Trata-se, pois, de uma estratégia canónica distinta de todas as estratégias disponíveis no PE e no PB, nomeadamente da estratégia resumptiva, que se caracteriza pela concordância de número com o antecedente da relativa. Convém salientar, no entanto, que a estratégia da cópia defectiva não é exclusiva em todos crioulos. Embora seja a estratégia mais generalizada nos CGG (Alexandre & Hagemeijer 2002, Hagemeijer 2000;

¹⁷ Como se pode ver, *inen* tem a função de marcador do plural e de pronome de terceira pessoa do plural. Embora extravase o escopo deste trabalho, note-se que a estratégia da cópia defectiva também ocorre noutras estruturas-Wh, como por exemplo, as clivadas:

(i) *Bô soku n fla ku ê*. (Santome)

2SG FOC 1SG falar com 3SG

‘Contigo é que falei.’

Maurer 1995), na gramática do Principense, a estratégia da cópia defectiva está em variação com as estratégias cortadora e resumptiva (Maurer 2009). Nos seguintes exemplos, há duas estratégias alternativas para a mesma estrutura, uma com cópia defectiva e outra com corte da preposição.

- (15) *Ine têêxi kaxi sê ki no xivi na êli.* (PR, Maurer 2009:53)
 PL três casa DEM que 1PL trabalhar LOC 3SG
 ‘As três casas em que trabalhámos.’

- (16) *Ine têêxi kaxi sê Ø ki no xivi.* (*idem*)
 ‘As três casas em que trabalhámos.’

Contudo, o tipo de variação entre estratégias no PR é dependente do tipo de PP que é relativizado. PPs locativos, como nos exemplos acima, apresentam variação entre a estratégia da cópia defectiva e a estratégia cortadora; com PPs comitativos, por exemplo, a variação é entre a cópia defectiva e a resumptiva.

- (17) *Ine têêxi minu sê ki txi foga kôli ka ta ni.*
 PL três criança DEM que 2SG brincar com-3SG IPFV viver aqui

- (18) *Ine têêxi minu sê ki txi foga ki ine ka ta ni.*
 PL três criança DEM que 2SG brincar com 3PL IPFV viver aqui
 ‘Estas três raparigas com que brincaste vivem aqui.’

(PR, Maurer 2009:53)

É de realçar que o uso das diferentes estratégias no principense se baseia quase exclusivamente em dados elicitados, sendo necessário, futuramente, estabelecer uma comparação com dados de produção espontânea.

A variação entre as diferentes estratégias parece ser mais acentuada nos CAG, que se aproximam, deste ponto de vista, do PR. Em Alexandre & Hagemeijer (2002), já tinha sido notado que o crioulo de Cabo Verde, variante de S. Vicente (Barlavento), geralmente

tido como mais próximo do português, recorre à cortadora e a *pied-piping*. Alexandre (2012) apresenta dados de produção provocada do crioulo de Santiago (Sotavento) que mostram que nesta variante do CCV não há *pied-piping* nas relativas, mas que as estratégias cortadora, resumptiva e de cópia defectiva estão disponíveis, conforme ilustrado em (17-19) respetivamente.

(19) [**Kes mininu**] Ø k'N xinti pena satadja si ropa moku.

DET menino que-eu sentir pena rasgar POS roupa todo

Lit.: ‘Os meninos que eu senti pena rasgaram as suas roupas todas.’

(20) **Kes nobidadi** ki nu ka staba purparadu pa es dexe-nu duenti.

DET novidade que nós não estar preparado para eles deixar-nos doente

Lit.: ‘As novidades que nós não estávamos preparados para eles deixaram-nos doentes.’

(21) Bu dona djanta ku [**kes mudjeris**] ki Zé papia ku-[el] na festa.

seu avó jantar com DET mulheres que Zé falar com-ele em festa

Lit.: ‘A tua avó jantou com as mulheres que o Zé falou com ele na festa.’

Em contextos de ilhas sintáticas, os CGG e os CAG convergem na estratégia resumptiva, como uma operação *merge* de último recurso, conforme demonstrado nos exemplos (20) do ST e (21) do CCV, que apresentam ilhas de NP Complexo.

(22) **Inen migu** se ku bô bê ãa mina-mosu ku ka fla ku **inen** ...

PL amigo DEMque 2SG ver um rapaz que IPFV falar com 3PL

Lit.: ‘Os amigos que tu encontraste um rapaz que fala com eles...’

- (23) *Kes artista ki N odja kel omi ki ka gosta d'es*
 DET artista que 1SG ver(PFV) DET homem que NEG gostar de-3PL
ta toka na bar di Djon.
 IPFV tocar em bar de Djon
 Lit.: 'Os artistas que eu vi o homem que não gosta deles tocam no bar do Djon.'

Nesta secção, mostrámos que os crioulos de base lexical portuguesa em África apresentam, de forma generalizada, uma estratégia de relativização de PPs distinta daquelas encontradas no PE e no PB – a estratégia da cópia defectiva. Esta estratégia, que se caracteriza pela ausência de concordância de número entre o antecedente da relativa e a cópia deixada no pé da cadeia-Wh, só pode ser devidamente identificada (*i.e.*, sem ambiguidade) se o antecedente da relativa estiver no plural.¹⁸ Vimos ainda que em vários crioulos há estratégias concorrentes à da cópia defectiva. Cabe-nos referir ainda que as orações relativas nestes crioulos são introduzidas por um complementador (tipicamente *ki* ou *ku*) sem traços- ϕ de concordância, em detrimento de pronomes relativos.

3.2. Português em África

O contexto sociolinguístico do português falado em África varia substancialmente em função dos territórios nacionais em que é usado. Embora seja maioritariamente L2, há um número crescente de falantes do português como língua materna em Angola (Inverno 2011:8), Moçambique (P. Gonçalves 2010:33) e S. Tomé e Príncipe, sendo que neste último país o português é actualmente a língua dominante¹⁹.

Alexandre, Gonçalves & Hagemeyer (2011) analisaram as relativas de PP nas variedades africanas do português (VAPs) com base em *corpora* de dados orais de dimensões variáveis que integram os projectos “*Corpus África*” e “*VAPOR*”, do Centro

¹⁸ Devido à referida ambiguidade entre a estratégia resumptiva e a da cópia defectiva no caso de antecedentes singulares, alguns trabalhos, como o de Mello (1996), procuraram estabelecer uma relação estrutural entre estes crioulos e o português brasileiro vernacular. Contudo, em trabalhos mais recentes, como o de Ribeiro (2009), que incide sobre os mecanismos de relativização no português afro-brasileiro da Bahia, esta relação é expressamente rejeitada, porque “[t]odos os casos de funções preposicionadas se realizam na estratégia cortadora (...)” (Ribeiro 2009:194).

¹⁹ Em S. Tomé e Príncipe, os censos do Instituto Nacional de Estatística de S. Tomé e Príncipe de 1991, 2001 e de 2012 mostram sempre percentagens próximas de 100% de falantes do português, embora não seja distinguido entre português L1 e L2. Nos dados do último censo, o crioulo maioritário, o Santome, é apenas falado por um terço da população.

de Linguística da Universidade de Lisboa. O Quadro 2 contém os números absolutos de ocorrências por estratégia relativa nas diferentes VAPs e no PE.

Quadro 2. Relativização de PPs nas VAPs em números absolutos nos corpora.²⁰

	PCV		PST		PM		PA		PE		TOTAL
	(50.000 palavras)		(165.000 palavras)		(25.000 palavras)		(55.000 palavras)		(300.000 palavras)		
	argum.	adjunto	argum.	adjunto	argum.	adjunto	argum.	adjunto	argum.	adjunto	
Pied-piping	12	11	5	32	2	10	1	4	392		469
Cortadora	8	3	41	69	2	6	3	9	108	119	368
Resumptiva	2	0	8 (+4)	0	1	0	2	0	23	14	50 (+4)
Cópia defectiva	0	0	0	3 (+4)	0	0	0	0	0	0	3 (+4)
TOTAL	22	14	54 (+4)	104 (+4)	5	16	6	13	656		890

Concluimos que as estratégias de *pied-piping* e cortadora constituem os mecanismos sintáticos dominantes, tanto com relativas de PPs argumentais como de PPs adjuntos. É de salientar que no português de S. Tomé, a variedade africana para a qual dispomos de um *corpus* de maior dimensão, há uma acentuada preferência por relativas cortadoras, especialmente no domínio da relativização de PPs argumentais. Esta preferência poderá estar relacionada com uma maior tendência para a (di)transitivização das grelhas argumentais nesta variedade (Alexandre, Gonçalves & Hagemeijer 2011; R. Gonçalves 2010).

A estratégia resumptiva é pouco frequente de acordo com os dados, embora tenha sido descrito para o PM, em particular nas relativas genitivas (Chimbutane 1996; Gonçalves 1996; Gonçalves & Stroud 1998; Brito 2001, 2002). A estratégia da cópia defectiva foi encontrada apenas nos dados do PST, como em (24), mas tem igualmente

²⁰ Quadro retirado de Alexandre, Gonçalves, Hagemeijer (2011).

pouca expressão e caracteriza-se pela ausência de número, como nos crioulos, e de género.²¹

(24) **A própria escola** que eu estudei **nele**. (PST)

Tal como nos crioulos e nas variedades do português L1, o português em África caracteriza-se igualmente por uma alteração no sistema da subordinação relativa que favorece a generalização de relativizadores sem traços- ϕ de concordância (*que*), funcionando como categorias lexicais subespecificadas quanto ao traço semântico [referencial] e que contêm apenas informação categorial [+Wh, +D].

Os dados do Quadro 2 também nos permitem avaliar, embora superficialmente, o papel do contacto de línguas na formação das variedades africanas do português. Considerando que as línguas bantas, com que o português está em contacto em Angola e Moçambique, recorrem tipicamente à estratégia resumptiva (e.g. Riedel 2010)²² e que os crioulos analisados na secção anterior, com que o português está em contacto em Cabo Verde, na Guiné-Bissau e em S. Tomé e Príncipe, recorrem predominantemente à estratégia da cópia defectiva (cf. secção 3.1), conclui-se que o papel do *transfer* deve ser minimizado.

4. Merge ou Move?

Na secção anterior, referimos que a estratégia da cópia defectiva se distingue da resumptiva pelo facto de a primeira não partilhar os traços- ϕ (pessoa e número) do antecedente, enquanto a última partilha, concordando com ele, pelo menos em número, como acontece no caso dos crioulos.

²¹ Nos dados do PST, a indicação “(+4)”, na grelha, está relacionada com a impossibilidade sabermos se estamos perante a estratégia resumptiva ou a da cópia defectiva, uma vez que o antecedente da relativa nesses casos era masculino singular (cf. explicação dada na secção 3.1 para os crioulos).

²² Riedel (2010) refere que nas línguas bantas não há *pied-piping* e que preposições que não sejam morfologicamente incorporadas tipicamente são seguidas de pronomes resumptivos com os traços do antecedente (isto é, concordam em termos de classe nominal). Veja-se o seguinte exemplo do Tsonga:

(i) *nhwanyana loyii buloj rij-nga hi yenai.*

1.menina 1.que 5.conversa 1agr-ser sobre 1.abs.pron.

Lit: ‘A menina que a conversa é sobre ela.’ (Tsonga, S53, adaptado de Du Plessis, Ms.)

Chegados aqui, a questão que se nos coloca é a de saber se as duas estratégias divergem apenas neste aspecto (morfossintático) ou se elas são derivadas por processos diferentes (i.e., por *Move* ou *Merge*) e, por isso, a expressão da concordância a entre cabeça e o pé da cadeia-Wh é o reflexo de mecanismos sintáticos distintos.

Nos estudos sobre resumpção, assunto popular na linguística teórica a partir de 1990, em especial para as línguas semíticas e célticas, os pronomes resumptivos são comparados a (e distinguidos de) lacunas (*gaps*). Segundo McCloskey (2006), por exemplo, a presença de uma lacuna não indica necessariamente que *Move* operou, assim como a ocorrência de um pronome resumptivo não pode ser entendida como indicador de ausência de movimento. No entanto, as análises clássicas de resumpção consideram que os pronomes resumptivos são gerados na base, por *Merge* (McCloskey 1990; Shlonsky 1992; Adger & Ramchand 2005; Rouveret 2008, e.o.)²³. É no trabalho de Aoun, Choueiri & Hornstein (2001) que se considera que a resumpção pode ser o resultado de duas operações distintas: *Move* ou *Merge*. Para estes autores, quando *Merge* está envolvido na derivação da resumptiva, estamos perante uma ‘resumpção verdadeira’ (derivada por ligação e desencadeada por condições de ilhas sintáticas), quando os pronomes resumptivos ocorrem fora de ilhas sintáticas, obtemos ‘resumpção aparente’, derivada por *Move*.

Consideramos que Aoun, Choueiri & Hornstein (2001) cunharam de ‘resumpção aparente’ aquilo que já Muysken (1977) e Dijkhoff (1983) mostravam existir em papiamentu, dizendo que esta língua podia mover PPs ou só NPs (25) para posição inicial de frase, e que Alexandre (2012) trata como ‘cópia defectiva’.

- (25) *E hombernan ku mi amigo ta bai merka {kuné/*kunan}*
DET homem-PL que POS amigo ASP ir mercado com-3SG/3PL
ta di Korsow
ser de Curacao

‘Os homens que o meu amigo vai ao mercado com ele são de Curaçao.’

(Papiamentu, Muysken 1977: 86)

²³ Para uma análise em que a estratégia resumptiva é vista como o resultado de *Move*, veja-se Boeckx (2003).

De facto, para estas estruturas, Muysken (1977) adopta uma análise com *Move* que envolve uma lacuna seguida de um pronome (gap+“PRO(noun)”). Ao contrário da resumptiva, que é formada por *Merge*, Alexandre (2012), para o CCV, defende que a cópia defectiva é uma estratégia que envolve *Move*, porque (i) é sensível a ilhas sintáticas, como a ilha nominativa em (26), e (ii) licencia lacunas parasitas (27).

(26) **Kes librus ki papia d’el]* é *difisi dja txiga?* (CCV)

DET livros que falar de-3SG ser difícil já chegar

(27) *Kes mudjeris ki Djon papia ku-el [sen e konxe --]*

DET mulheres que Djon falar(PFV) com-3SG sem 3SG conhecer
badja sabi. (CCV)

dançar bem

Lit.: ‘As mulheres que o Djon falou com ele sem ele conhecer dançam bem.’

Adicionalmente, notamos que a cópia defectiva, contrariamente à resumptiva (cf. secção 2), está restrita à relativização de PPs (*i.e.*, a cópia defectiva só ocorre como complemento de uma preposição) (28)-(29), para o CCV e ST, respectivamente.

(28) **Kes mininus ki bu da-l un libru ta staba*

DET meninos que 2SG dar(PFV)-3SG um livro IPFV estar(PST)
na bandideza.

em malandrice

Lit.: *‘Os meninos que tu lhe deste um livro estavam a fazer maldades.’

(29) **Inen mosu se ku bô kul’e ba losa.* (ST)

PL rapaz DEM que 2SG curar-3SG ir roça

Lit.: *‘Os meninos que o curaste foram à roça.’

As razões expostas acima levam-nos a propor que a cópia defectiva é um objecto sintáctico que apresenta o mesmo comportamento que as cópias nulas em cadeias-Wh (*i.e.*, é uma variável), sendo uma estratégia que envolve *Move* e não *Merge*. Assim, assumimos que a derivação das construções com esta estratégia começa por contemplar um C° ocupado por um complementador com traços formais [+Wh, +D] (*que, ki, ku*), razão pela qual não atrai PPs. Como o DP antecedente tem de verificar os seus traços- ϕ em C° e a preposição não pode ficar abandonada²⁴, a posição de complemento da preposição acaba por ser preenchido (na componente fonológica) por uma forma invariável de terceira pessoa do singular (*el* ou *ê*, em CCV ou ST).

Cópia defectiva e resumpção são, deste modo, estratégias diferentes, apesar de aparentemente iguais. A primeira é o resultado de *Move*, enquanto a segunda é o produto de *Merge*.

5. Conclusões

Vimos, nas secções anteriores, que os mecanismos de relativização de PPs nas variedades L1 e L2 do português são fundamentalmente os mesmos. As duas estratégias predominantes são *pied-piping* e a cortadora, mas a resumptiva também se encontra de forma generalizada nas diferentes variedades, numa escala mais reduzida. A estratégia da cópia defectiva, por outro lado, predomina nos crioulos atlânticos de base lexical portuguesa e ocorre marginalmente no português de São Tomé.

Sem querer desvalorizar o papel de diferentes micro-variáveis linguísticas e sociolinguísticas que ultrapassa os limites deste trabalho, concluímos que derivas diferentes nas variedades do português apresentam tendências similares por razões relacionadas com princípios universais da gramática, sendo o papel do contacto mais reduzido. A tendência de neutralização do sistema de pronomes relativos em detrimento

²⁴ O CCV e o ST são línguas que não admitem abandono de preposição seguido de uma lacuna (o tipo inglês):

(i) *Djon atxa kes mudjeris ki Zé papia ku--.
Djon encontrar(PFV) DET mulheres que Zé falar(PFV) com
‘*O Djon encontrou as mulheres que o Zé falou com.’ (CCV, adaptado de Alexandre 2012: 120)

(ii) *Inen ngê se ku bô fla ku --.
PL pessoa DEM que 2SG falar com
‘*As tais pessoas que falaste com.’ (ST, adaptado de Hagemeijer 2000: 55)

de um complementador *que* e o esvaziamento semântico de determinadas preposições, como *a*, *de* e *em*, parecem contribuir de forma decisiva para a mudança convergente que se observa.

Não há ainda uma explicação clara para a surpreendente homogeneidade no que se refere à cópia defectiva nos crioulos luso-atlânticos. Se por um lado diverge das variedades do português, pelo facto de se tratar de um tipo específico de *Move* com abandono da preposição, por outro lado, apresenta convergência na medida em que a relativização é operada por complementadores. Contudo, e apesar da grande semelhança à superfície entre a estratégia defectiva e a resumptiva (pois ambas envolvem uma forma pronominal da terceira pessoa no pé da cadeia-Wh), mostrámos que elas são a contrapartida da aplicação de operações sintácticas diferentes: *Move* e *Merge*.

7. Referências

- Adger, D. & G. Ramchand. (2005). Merge and move: Wh-dependencies revisited. *Linguistic Inquiry*, 36: 2, 161-193.
- Alexandre, N. (2000). *A estratégia resumptiva em relativas restritivas do português europeu*. Diss. de Mestrado, Lisboa: FLUL.
- _____. (2012). *The defective copy theory of movement: Evidence from wh-constructions in Cape Verdean Creole* [Creole Linguistics Library, vol. 41]. Amesterdão: John Benjamins.
- Alexandre, N., R. Gonçalves & T. Hagemeijer. (2011). A formação de frases relativas em português oral de Cabo Verde e de São Tomé. In A. Costa; I. Falé & P. Barbosa (eds.), *Textos seleccionados do XXVI Encontro Nacional da APL 2010*. 17-34. Lisboa: APL.
- Alexandre, N. & T. Hagemeijer. (2002). Pronomes resumptivos e abandono de preposição nos crioulos atlânticos de base lexical portuguesa. In *XVII Encontro Nacional da APL*, 17-29. Lisboa: Colibri.
- Aoun, J.; L. Choueiri & N. Horstein. (2001). Resumption, movement and derivational economy. *Linguistic Inquiry*, 32 : 371-403.

- Arim, Eva; M. Ramilo & T. Freitas. (2005). Estratégias de relativização nos meios de comunicação social portugueses. In T. Freitas & A. Mendes (orgs.), *Actas do XIX Encontro Nacional da APL*, 279-288. Lisboa: APL.
- Boeckx, C. (2003). *Islands and chains – Resumption as stranding*, [Linguistics Today 63]. Amesterdão: John Benjamins.
- Brito, Ana. (1991). *A sintaxe das orações relativas em português: estrutura, mecanismos interpretativos e condições sobre a distribuição dos morfemas relativos*. INIC: Porto.
- _____. (2001). Relativas de genitivo no português europeu e no português de Moçambique. In C. Correia & A. Gonçalves (eds.), *Actas do XVI Encontro Nacional da APL*, 115-129. Lisboa: APL.
- _____. (2002). Relativas de genitivo “estranhas” no português de Moçambique: erros ou sinais de mudança?. In *As Ciências Sociais nos Espaços de Língua Portuguesa: Balanços e desafios: actas 2*, 329-336. Porto: FLUP.
- Chavagne, J-P. (2005). *La langue portugaise d’Angola – etude dès écrits par rapport à la norma européenne du portugais*. Diss. de Doutoramento, Université Lumiér, Lyon 2; Faculte de Langues, Paris.
- Chimbutane, F. (1996). A estratégia de pronome resumptivo na formação de orações relativas de OD e de OBL do português de Moçambique. In *Actas do XI Encontro Nacional da APL*, vol. III, 225-248. Lisboa: Colibri.
- Dijkhoff, M. (1983). *The Resumptive Pronoun Strategy in Papiamentu*, Diss. MA, Groningen: Univ. de Groningen.
- Duarte, I. (2011). Modo oral e modo escrito, estruturas sintáticas de desenvolvimento tardio e escolarização. In A. Valente & M. T. Pereira (eds.), *Língua portuguesa. Descrição e ensino*, 15-30. Rio de Janeiro: Parábola.
- _____. (2012). Relativas cortadores: inovação ou variação?. In *II Congresso de Linguística Histórica*, São Paulo: USP.
- Du Plessis, J.A. (s/d). The relative clause in the African languages of South Africa (Bantu languages). In *Comparative syntax of the African languages of South Africa (Bantu languages)*. Ms.

- Fontes, E. (2008). *A produção de frases relativas restritivas no final do 1º e 2º ciclos do ensino básico*. Diss. de Mestrado, Lisboa: FLUL.
- Gonçalves, P. (1996). *Português de Moçambique – uma variedade em formação*, Maputo: Universidade Eduardo Mondlane.
- ____ (2010). *A génese do Português de Moçambique*. Lisboa: INCM.
- Gonçalves, P. & C. Stroud. (1998). *Panorama do português oral de Maputo – Vol. III. Estruturas gramaticais do português: problemas e exercícios*, Cadernos de Pesquisa, 27. Maputo: INDE.
- Gonçalves, Rita. (2010). *Propriedades de subcategorização verbal no português de São Tomé*. Diss. de Mestrado, Lisboa: FLUL.
- Grolla, E. (2004). Resumptive pronouns as last resort: implications for language acquisition. In *Proceedings of the 28th Annual Penn Linguistics Colloquium*, 71-84. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics, 11.
- Hagemeijer, T. (2000). Serial verb construction in São-Tomense. Diss. de Mestrado, Lisboa: FLUL.
- Hagemeijer, T. (2011). The Gulf of Guinea creoles: genetic and typological relations. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 26:1, 111-154.
- Hagemeijer, T. & N. Alexandre. (2012). Os crioulos da Alta Guiné e do Golfo da Guiné: uma comparação sintáctica. *Papia*, 22:2, 233-252.
- Huber, J. (1933). *Gramática do português antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Inverno, L. (2011). Contact-induced restructuring of Portuguese morphosyntax in interior Angola. Diss. de Doutoramento, Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Kato, M. (1993). Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In I. Roberts & M. Kato (orgs.), *Português brasileiro: uma viagem diacrônica – homenagem a Fernando Tarallo*, 223-261. Campinas, SP: Ed. Unicamp.
- Kato, M. & J. Nunes. (2009). A uniform raising analysis for standard and nonstandard relative clauses in Brazilian Portuguese. In J. Nunes (ed.), *Minimalist essays in Brazilian Portuguese.*, 93-120. Amesterdão: John Benjamins.
- Kato, M.; M. L. Braga; V. Corrêa; M. Rossi & N. Sikansi. (1996). As construções-Q no português brasileiro falado: perguntas, clivadas e relativas. In I. Koch (org.), *Gramática do português falado*, vol. VI. 303-368, Campinas, SP: Ed. Unicamp.

- Kenedy, E. (2007). Raising como uma nova descrição sintática para as orações relativas. *Linguística* (PPGL/UFRJ), v. 3, p. 197-216.
- Maurer, P. (1995). *L'Angolar: un créole afro-portugaise parlé à São Tomé*. Hamburgo: Helmut Buske Verlag.
- ____ (2009). *Principense. Grammar, text and vocabulary of The Afro-Portuguese creole of the island of Príncipe, Gulf of Guinea*. London: Battlebridge.
- McCloskey, J. (1990). Resumptive pronouns, A'-binding, and levels of representation in Irish. In R. Hendrick (ed.). *Syntax and Semantics 23: The Syntax of Modern Celtic Languages*. 199-248, New York: Academic Press.
- ____ (2006). Resumption. In M. Everaert, H. van Riemsdijk, R. Goedemans, & B. Hollebrandse (eds.), *The Blackwell companion to syntax*, 94-117. Oxford: Blackwell.
- Mello, H. (1996). *The genesis and development of Brazilian Vernacular Portuguese*. Diss. de Doutorado. New York: CUNY.
- Muysken, P. (1977). Movement rules in Papiamentu. In P. Muysken (ed.), *Amsterdam Creole Studies I*, 80-102. Amsterdão: Instituut voor Agemene Taalwetenschap.
- Peres, J. & T. Mória. (1995). *Áreas críticas da língua portuguesa*, Lisboa: Caminho.
- Perroni, M. C. (2001). As relativas que são fáceis na aquisição do português brasileiro. *DELTA*, 17:1, 59-79.
- Ribeiro, I. (2009). As sentenças relativas. In D. Lucchesi, A. Baxter & I. Ribeiro (eds.), *O português afro-brasileiro*, 185-208. Salvador: EDUFBA.
- Ribeiro, I. & C. Figueiredo. (2009). Relativas. In T. Lobo & K. Oliveira (orgs.). *África à Vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX*, 208-240. Salvador: EDUFBA.
- Riedel, K. (2010). Relative clauses in Haya. *ZAS papers in linguistics*, 53, 211-225.
- Rouveret, A. (2008). Phasal agreement and reconstruction. In R. Freidin; C. Otero & M.. L. Zubizarreta (eds.), *Foundational issues in linguistic theory*, 167-196. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Shlonsky, U. (1992). Resumptive pronouns as a last resort. *Linguistic Inquiry*, 23:3, 443-468.

- Tarallo, F. (1985). The filling of the gap: pro-drop rules in Brazilian Portuguese. In L. King & C. Maley (eds.), *Selected papers from the XIIIth Linguistic Symposium on Romance Languages.*, 355-375- Amesterdão: John Benjamins.
- Valente, P. (2008). *Produção de frases relativas em alunos do terceiro ciclo do ensino básico e do ensino secundário*. Diss. de Mestrado, Lisboa: FLUL.
- Veenstra, T. & H. den Besten. (1995). Fronting. In J. Arends; P. Muysken & N. Smith (eds.), *Pidgins and creoles – An introduction*, 303-315. Amesterdão: John Benjamins.